

# Uma reflexão entre a concepção Spinozista do suicídio e os fatores preditores do comportamento suicida

A reflection between the Spinozist concept of suicide and the predictors of suicidal behavior

Una reflexión entre el concepto Spinozista de suicidio y los predictores de la conducta suicida

Saulo Correia Peixoto<sup>1</sup>, Sylvain René<sup>2</sup>, Ismar Eduardo Martini Filho<sup>3</sup>, Murilo Costa Rangel Pinheiro<sup>4</sup>, Diego Linyker Nepomuceno David<sup>5</sup>, Sérgio Donha Yarid<sup>6</sup>

Como citar esse artigo. Peixoto, SC. René, S. Filho, IEM. Pinheiro, MCR. Davide, DLN. Yarid, SD. Uma reflexão entre a concepção Spinozista do suicídio e os fatores preditores do comportamento suicida. Rev Pró-UniverSUS. 2025; 16(3);30-35.



## Resumo

**Introdução:** O suicídio é um fenômeno multifatorial que representa o autoextermínio intencional de um indivíduo e que desafia os campos da saúde, psicologia e filosofia. Este estudo tem como objetivo refletir sobre o comportamento suicida a partir da concepção filosófica de Baruch Spinoza, confrontando-a com os fatores preditores reconhecidos na literatura contemporânea. **Materiais e Métodos:** Trata-se de uma reflexão teórico-filosófica acerca do suicídio a partir da concepção de Baruch Espinoza. **Resultados:** Para Spinoza, o suicídio não é fruto de um desejo ativo, mas de uma condição de impotência gerada por afecções externas que limitam a potência de agir do indivíduo. Essa leitura filosófica dialoga com os achados contemporâneos, que identificam fatores como desesperança, isolamento social e transtornos mentais como precursores do suicídio. **Discussão:** A compreensão spinozista permite uma abordagem ampliada do tema, ao situar o suicídio não como ato isolado, mas como expressão da ausência de racionalidade ativa e da submissão a afetos passivos. **Considerações finais:** As ações preventivas devem considerar não apenas os fatores clínicos e sociais, mas também estratégias que promovam a autonomia, o autoconhecimento e o fortalecimento da razão, favorecendo a reconstrução da potência de viver. A filosofia de Spinoza, nesse sentido, oferece subsídios valiosos para um enfrentamento mais profundo e integral do sofrimento psíquico que conduz ao suicídio.

**Palavras-chave:** Afeto; Comportamento Autodestrutivo; Saúde Mental; Suicídio; Transtornos Mentais.

## Abstract

**Introduction:** Suicide is a multifactorial phenomenon that represents the intentional self-extermination of an individual and challenges the fields of health, psychology, and philosophy. This study aims to reflect on suicidal behavior based on the philosophical conception of Baruch Spinoza, comparing it with the predictive factors recognized in contemporary literature. **Materials and Methods:** This is a toric-philosophical reflection on suicide based on the conception of Baruch Spinoza. **Results:** For Spinoza, suicide is not the result of an active desire, but of a condition of impotence generated by external affections that limit the individual's power to act. This philosophical interpretation dialogues with contemporary findings, which identify factors such as hopelessness, social isolation, and mental disorders as precursors to suicide. **Discussion:** Spinozist understanding allows for a broader approach to the topic, by situating suicide not as an isolated act, but as an expression of the absence of active rationality and submission to passive affections. **Final considerations:** Preventive actions should consider not only clinical and social factors, but also strategies that promote autonomy, self-knowledge, and the strengthening of reason, favoring the reconstruction of the power to live. Spinoza's philosophy, in this sense, offers valuable insights for a deeper and more comprehensive approach to the psychological suffering that leads to suicide.

**Key words:** Affect; Self-Destructive Behavior; Mental Health; Suicide; Mental Disorders.

## Resumen

**Introducción:** El suicidio es un fenómeno multifactorial que representa la autodestrucción intencional de un individuo y desafia los campos de la salud, la psicología y la filosofía. Este estudio busca reflexionar sobre la conducta suicida con base en la concepción filosófica de Baruch Spinoza, comparándola con los factores predictivos reconocidos en la literatura contemporánea. **Materiales y métodos:** Esta es una reflexión teórico-filosófica sobre el suicidio basada en la concepción de Baruch Spinoza. **Resultados:** Para Spinoza, el suicidio no es el resultado de un deseo activo, sino de una condición de impotencia generada por afecciones externas que limitan el poder del individuo para actuar. Esta interpretación filosófica dialoga con hallazgos contemporáneos, que identifican factores como la desesperanza, el aislamiento social y los trastornos mentales como precursores del suicidio. **Discusión:** La comprensión spinozista permite un enfoque más amplio del tema, al situar el suicidio no como un acto aislado, sino como una expresión de la ausencia de racionalidad activa y la sumisión a los afectos pasivos. **Consideraciones finales:** Las acciones preventivas deben considerar no solo los factores clínicos y sociales, sino también estrategias que promuevan la autonomía, el autoconocimiento y el fortalecimiento de la razón, favoreciendo la reconstrucción de la capacidad de vivir. La filosofía de Spinoza, en este sentido, ofrece valiosas perspectivas para un abordaje más profundo e integral del sufrimiento psicológico que conduce al suicidio.

**Palabras clave:** Afecto; Conducta Autodestructiva; Salud Mental; Suicidio; Trastornos Mentales.

Afiliação dos autores:

<sup>1</sup>Mestre em Administração Pública, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, Bahia, Brasil. E-mail: sepeixoto@uesb.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8067-1482>

<sup>2</sup>Especialista em Gestão Pública e Inovação, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, Bahia, Brasil. E-mail: 2024m0048@uesb.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-3968-6162>

<sup>3</sup>Doutor em Odontologia Legal, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, Bahia, Brasil. E-mail: iemfilho@uesb.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1013-6951>

<sup>4</sup>Doutor em Odontologia, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, Bahia, Brasil. E-mail: murilorangel@uesb.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4862-6590>

<sup>5</sup>Graduado em Odontologia, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, Bahia, Brasil. E-mail: diegolinykeer@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-6448-3578>

<sup>6</sup>Doutor em Odontologia Preventiva e Social, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, Bahia, Brasil. E-mail: yarid@uesb.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6447-0453>

\* E-mail de correspondência: diegolinykeer@gmail.com

Recebido em: 15/08/25 Aceito em: 28/08/25

## Introdução

O suicídio representa o autoextermínio intencional de uma pessoa. A palavra suicídio deriva etimologicamente do latim *sui* (si mesmo) e *caedes* (ação de matar) e significa uma morte intencional auto infligida<sup>1</sup>.

Escondido, temido, demonizado, uma fraqueza, uma doença que deve ser escondida, uma morte sobre a qual ninguém pode falar, um sofrimento que não pode ser manifestado, uma dor reprimida e sufocada que não deve ser compartilhada, o suicídio, que ao longo das primeiras décadas do século XXI vem assumindo ares de epidemia, ainda é um tabu em muitas sociedades, seja por motivos religiosos, culturais ou por sua associação quase que imediata à distúrbios mentais graves<sup>2</sup>.

Estima-se que a cada três segundos, uma pessoa atenta contra a própria vida e, para cada ato concretizado, existem pelo menos 10 tentativas e para cada tentativa registrada, ocorrem quatro desconhecidas. O mesmo relatório aponta que cerca de 800.000 pessoas morrem por suicídio todos os anos, sendo esta a segunda maior causa de morte entre jovens no mundo<sup>3</sup>. As tentativas, principal fator de risco para a futura concretização do ato, trazem inúmeras sequelas tanto para a pessoa que o cometeu como para familiares e pessoas próximas, gerando turbulência entre estes<sup>4</sup>.

O comportamento suicida manifesta-se sob a ideiação suicida, quando existem pensamentos que fortalecem a vontade de se matar, um planejamento sobre a elaboração de um meio específico de morte; e a tentativa de ações que desencadeiam uma agressão cuja intenção final é a morte, caracterizando, por fim, o suicídio<sup>5</sup>. Este tema é um antigo e complexo desafio para a saúde pública, de largas proporções, atingindo diferentes sexos, grupos etários e classes sociais. É identificado como um dos comportamentos humanos mais enigmáticos e, por isso mesmo perturbador, causando grande questionamento, curiosidade e inquietação<sup>6</sup>.

Alguns fatores antecedem o comportamento suicida. Eles dizem respeito a aspectos que precisam ser repensados na sociedade, nas relações familiares, íntimas, nos ambientes de trabalho e de estudo. Denominados preditores, em parte estão relacionados às questões entrelaçadas ao ser, do ponto de vista pessoal e sensível. Outros se revelaram fatores típicos de uma sociedade adoecida, influenciada por um sistema rígido e opressor de relações e cobranças, pautada no conceito da utilidade do ser humano e que se apresentam com similaridades universais<sup>7</sup>.

No grande legado filosófico de Baruch Spinoza, a “servidão humana” aparece como um dos conceitos mais intrigantes e profundos. Em sua obra-prima, *A Ética*, Spinoza descreve a condição humana como

um estado de escravidão, imposto não por uma força externa, mas por nossas próprias paixões e desejos que, quando descontrolados, nos levam a uma espiral em que nossas ações são ditadas por impulsos e emoções, e não pela razão.

Tal servidão é a impotência humana para regular e refrear os afetos. Segundo esse conceito, o homem submetido aos afetos não está sob seu próprio comando, mas sob o do acaso, a cujo poder está a tal ponto sujeitado que é, muitas vezes forçado, ainda que perceba o que é melhor para si, a fazer, entretanto, o pior<sup>8</sup>.

Nesse contexto, para Spinoza, o suicídio jamais será proveniente do desejo de um indivíduo livre, mas do desejo equivocadamente despertado, por coação, de um indivíduo em estado de servidão. Quando dominados pelas paixões, os seres humanos podem ser levados a tomar decisões contrárias ao seu bem-estar, como resultado da impotência da razão sobre os afetos<sup>9</sup>.

Destarte, ocorreram os seguintes questionamentos: os fatores que levam ao crescimento mundial do comportamento suicida têm origem no domínio dos afetos sobre a razão? Quais as repercussões dos determinantes socioambientais sobre este crescimento? Quais caminhos para a melhoria desse cenário?

Para pensar sobre essas questões, foi importante compreender que os afetos podem ser produzidos por forças externas, que alteram a nossa subjetividade, aumentando ou diminuindo nossa potência de ação ante determinadas situações, tornando-nos indivíduos livres ou presos à servidão.

Assim, este estudo buscou produzir uma reflexão teórico-filosófica, cujo objetivo foi refletir acerca do suicídio, analisado a partir do pensamento de Baruch Spinoza, confrontando a sua visão com os fatores apontados pelos estudos como preditores responsáveis pelo aumento exponencial deste fenômeno.

## Metodologia

Trata-se de uma reflexão teórico-filosófica de abordagem qualitativa, fundamentada na análise crítica de Baruch Spinoza, em especial em sua obra “*A Ética*”. Para isso, realizou-se uma análise dos elementos que elucidam a compreensão spinozista do comportamento humano e suas relações com o suicídio. Paralelamente, efetuou-se uma busca da literatura científica contemporânea acerca dos fatores preditores do comportamento suicida. O método privilegiou a análise crítica e comparativa dos conceitos, buscando confrontar a teoria spinozista com os fatores apontados pelos estudos como preditores responsáveis pelo aumento do suicídio. Como se trata de um estudo teórico e sem envolvimento direto com seres humanos, não foi necessária submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa.

## Resultados e Discussão

### Suicídio: Um Desejo Impossível

Ninguém, [...] a não ser vencido por causas externas e contrárias à sua natureza, negligência apeteer o seu útil, ou seja, conservar o seu ser. Ninguém, insisto, tem aversão aos alimentos ou se mata pela necessidade de sua natureza, mas apenas coagido por causas exteriores, o que pode ocorrer de muitas maneiras, [...] porque causas externas latentes de tal maneira dispõem a imaginação e afetam o corpo, que este se reveste de uma outra natureza contrária à anterior e cuja ideia não pode dar-se na mente<sup>8</sup>.

Se o desejo é a essência atual do homem e se a essência humana consiste na busca indefinida por sua conservação, como é possível desejar matar a si mesmo? Não seria um contrassenso desejar algo que contrarie nossa própria existência?

Na lógica spinozista, somos movidos por duas afecções primordiais: a de alegria e a de tristeza. A primeira produz em nós ideias adequadas, favorecendo a nossa potência de agir, e é, portanto, chamada de afeto-ação. A segunda, por sua vez, reduz a nossa base de energia vital, designando os afetos-paixões. O equilíbrio, nesse sentido, consiste em ter a capacidade de refrear os nossos afetos-paixões que está no próprio encontro com o outro e nos efeitos produzidos a partir deste<sup>10</sup>.

As ideias inadequadas são a privação de conhecimento claro e distinto, isto é, adequado. O perigo das ideias inadequadas consiste no fato de que a falsidade que elas produzem é tomada como verdade em si, de modo que concebemos como claras e distintas coisas que se apresentam à nossa imaginação, isto é, tomamos por entendimento uma imaginação confusa. A operação da mente que produz a ideia falsa - proveniente de quando afirmamos de alguma coisa algo que não esteja contido no conceito que dela formamos - revela o defeito da nossa percepção que nos faz produzir pensamentos ou ideias de algum modo mutilados e confusos<sup>9</sup>.

Aqui entra um dos conceitos de causalidade enumerados por Abbagnano, “a forma de uma conexão empírica ou temporal, pela qual o efeito não é dedutível da causa, mas é previsível com base nela pela constância e uniformidade da relação de sucesso”<sup>11</sup>. Assim, ao desconhecer as causas que compõem um efeito qualquer que observa a mente humana se utiliza da memória para associar imagens de coisas já conhecidas, que mais se aproximem do efeito que lhe é desconhecido, para com isso tentar formular uma ideia. Mas a memória é falha e o cérebro não consegue guardar todas as particularidades que compõem cada um dos corpos pelos quais o corpo foi afetado, além do que, a imagem formada pela mente a partir de um encontro diz mais a respeito ao estado atual do próprio corpo do que ao objeto que causou a

afecção. Com isso, a potência humana é cada vez mais reduzida, deixando-os no campo das noções gerais, pois as ideias inadequadas e confusas seguem-se umas das outras, tornando cada vez mais difícil, uma visão objetiva da realidade.

De acordo com o que Spinoza disse quando discutiu a noção de *tristitia*, os mapas da mágoa estão associados a uma transição do organismo para um estado de menor perfeição. O poder e a liberdade de agir reduzem-se. Nessa perspectiva, a pessoa é invadida pela tristeza e separada do seu *conatus*, ou seja, é separada da sua tendência natural para a autopreservação. Tal descrição aplica-se por certo aos sentimentos que se encontram nas depressões graves e às suas consequências<sup>12</sup>.

Com uma série de imagens distorcidas do mundo a sua volta, o indivíduo passa a tentar se encaixar nessa realidade falseada, criando uma imagem deturpada de si próprio, com expectativas e anseios que estão fora do alcance da sua potência real, pois ele não apenas mostra uma imagem diferente de si mesmo, como passa a tentar viver de acordo com essa representação. O que só faz com que suas inseguranças, seus medos e suas frustrações em não conseguir suprir os seus desejos, se torne algo tão opressivo e sufocante, que acabe por restringir a sua capacidade de agir. Assim, afligidos por afetos opostos e confundidos pelas ideias inadequadas não conseguem fortalecer o seu *conatus*, com uma diminuição constante da sua capacidade de agir e existir o homem padece, sem a possibilidade de preservar o seu ser<sup>2</sup>.

É na parte IV da Ética intitulada “Da Servidão Humana, ou Da Força dos Afetos”, que aparece nominalmente o tema do suicídio, situado no âmbito da servidão. Assim, a equivalência proposta entre a situação de servidão e o domínio dos afetos nos mostra um traço característico da primeira: porque os afetos são estados da mente, a servidão envolve um conflito interno do homem consigo mesmo, ainda que as paixões sejam determinações da mente por causas exteriores.

Ora, se o desejo é a essência atual do homem e se a essência humana consiste na busca indefinida por sua conservação, seria uma contradição afirmar que o homem deseja matar a si mesmo, pois não existe nada na natureza humana que possa atentar contra sua própria existência. A pulsão de morte oriunda da própria natureza não é admitida por Spinoza, que prevê apenas três casos em que o suicídio pode ocorrer e em nenhum deles é pela necessidade da sua própria natureza, mas coagido por causas exteriores. Diz ele, no escólio da proposição 20 da parte IV da Ética:

Ninguém, portanto, que não seja dominado por causas externas e contrárias à sua natureza, descuida-se de desejar o que lhe é útil, ou seja, de conservar o seu ser. Quero, com isso, dizer que não é pela necessidade de sua natureza, mas coagido por causas exteriores, que alguém se recusa a se alimentar ou se suicida, o que pode acontecer

de muitas maneiras. Assim, alguém se suicida coagido por outro, que lhe torce a mão direita, a qual, por acaso, segurava uma espada, obrigando-o a dirigi-la contra o próprio coração. Ou, se é obrigado, como Sêneca, pelo mandato de um tirano, a abrir as veias, por desejar evitar, por meio de um mal menor, um mal maior. Ou, enfim, porque causas exteriores ocultas dispõe sua imaginação e afetam o seu corpo de tal maneira que este assume uma segunda natureza cuja ideia não pode existir na mente. Que o homem, entretanto, se esforce, pela necessidade de sua natureza, a não existir ou a adquirir outra forma, é algo tão impossível quanto fazer que alguma coisa se faça do nada, como qualquer, com um mínimo de reflexão, pode ver<sup>8</sup>.

Assim, ninguém pode desejar ser feliz, agir em seu proveito e viver bem sem, ao mesmo tempo, desejar ser, agir e viver. Desejo, em Spinoza, é uma potência ligada a vida, à sua autoconservação e auto expansão. Tudo o que contraria a existência não pode ser oriundo do desejo, uma vez que este só apetece o que lhe é útil. Podemos apeteecer inúmeras coisas, boas ou más, mas se desejamos, é bom para nós. O suicídio dá fim a vida, contraria todos os esforços para se manter na existência. A vontade de matar a si mesmo revela o estado de máxima impotência em que se encontra um indivíduo. Seria como que um profundo estado de melancolia, extremamente perigoso e ameaçador à vida, causado, necessariamente, por forças externas mais fortes<sup>10</sup>.

### Fatores Preditores: Um Suicídio Possível

Apesar de comumente compreendido como consequência de uma complexa interação entre fatores predisponentes, precipitantes e protetores, entre a vulnerabilidade individual e os estressores externos que cada indivíduo enfrenta ao longo da vida ou em determinados momentos dela, não existe uma nomenclatura universalmente utilizada para o comportamento suicida:

[...] um comportamento auto infligido, potencialmente lesivo, para o qual existe evidência (explícita ou implícita) de que: a) a pessoa desejava usar a aparência de ter a intenção de se matar a fim de alcançar algum outro fim; ou b) a pessoa pretendia, em algum grau indeterminado ou conhecido, se matar. Comportamentos relacionados ao suicídio podem resultar em ferimentos, lesões ou morte<sup>13</sup>.

Portanto, é possível dizer que o comportamento suicida se manifesta sob a ideiação suicida, quando existem pensamentos que fortalecem a vontade de se matar, um planejamento sobre a elaboração de um meio específico de morte; e a tentativa de ações que desencadeiam uma agressão cuja intenção final é a morte. Caso a tentativa tenha como consequência o óbito, caracteriza-se, por fim, o suicídio.

A discussão em torno do comportamento suicida se dá a partir da fundamentação científica sobre ideiação suicida, tentativa de suicídio e suicídio consumado. A maioria dos estudos, ainda que tenham corroborado

para apontar fatores de risco, motivações e fatores de proteção diante desta problemática, ensejaram suas pesquisas abordando o comportamento de pessoas que tentaram o suicídio, com foco na caracterização e quantificação do comportamento suicida, pouco dialogando com os fatores antecedentes e influenciadores deste comportamento<sup>14</sup>.

Apesar das peculiaridades inerentes às demandas sociais, econômicas e culturais específicas de cada país, os achados científicos mais recentes apontam convergências existentes entre os fatores preditores em nível mundial, que modificam a maneira como as pessoas se posicionam frente à complexidade da vida, funcionando como catalisadores do comportamento suicida<sup>15</sup>.

Estes fatores preditores não necessariamente levam as pessoas a cometerem o suicídio, mas estão intimamente relacionados com a origem de pensamentos autodestrutivos geradores de atitudes que, cometidas de maneira reiterada e processual, evoluem para se configurarem no que se classifica como comportamento suicida. Este sim, por consequência, propicia a consumação do fato.

Com o expressivo aumento do número de casos de suicídio, emergem correlações entre as condicionantes comuns nessa assombrosa prevalência. Em estudo com representatividade mundial, em um estudo consultado na literatura científica os fatores preditores relacionados ao aumento casuístico do comportamento suicida em nível mundial. Os resultados foram sintetizados e agrupados em duas categorias. Questões relacionadas a frustração, rompimentos, rejeição, suicídio na família, conflito afetivo familiar, desamparo, separação familiar, medo de punições, arrependimento pelo cometimento de infrações e doenças do corpo - em especial aquelas que diminuem a autonomia e independência da pessoa - foram categorizadas como “sobre o ser - saúde mental, física e autorregulação”. Questões relacionadas ao desemprego, problemas com o estado, estresse, sobrecarga no trabalho, imposições sociais sobre carreira, baixo nível de escolaridade, dificuldades financeiras, agressões/violência, privação de liberdade, a influência da mídia e do comportamento de líderes religiosos, políticos e sociais, deram lugar à categoria “sobre o outro - trabalho e sociedade”<sup>16</sup>.

Uma das categorias revela questões entrelaçadas ao ser, do ponto de vista pessoal e sensível. A outra revela fatores típicos de uma sociedade adoecida, influenciada por um sistema rígido e opressor de relações e cobranças, pautada no conceito da utilidade do ser humano. Contudo, apesar da categorização para análise, elas não se constituem em paralelo, mas estão intimamente entrelaçadas no percurso da vida do sujeito, como uma espiral, desaguando em angústias e em comportamento autodestrutivo.

No âmbito da substantividade de cada ser humano,

aspectos econômicos, sociais, relacionais, sobrecarga de estudo e trabalho, agressões/violência, falta de apoio público institucional e privação de liberdade, seja para ir e vir ou para tomar decisões sobre a própria vida, constituíram-se gatilhos que vêm esculpindo gerações cada vez mais numerosas de pessoas em sofrimento mental, cujo escape situa-se no desejo de tirar a própria vida<sup>17</sup>.

Este quadro tem sido amplamente potencializado pelo uso excessivo de redes sociais e pelo tempo prolongado diante de telas digitais, especialmente entre os jovens. A constante exposição a padrões irreais de beleza, sucesso e felicidade geram sentimentos de inadequação, ansiedade e depressão. A comparação social e a validação digital contribuem para a diminuição da autoestima e isolamento emocional. Somado a isto, o ambiente hostil e de grande alcance das redes sociais é palco de agressões, insultos, humilhações, ameaças e ódio, com o objetivo de ferir, envergonhar ou intimidar. Além do impacto emocional, a dopamina liberada durante o uso das plataformas digitais cria dependência comportamental, dificultando o equilíbrio entre o mundo virtual e a vida real, o que pode levar ao suicídio, em última instância.

Como seres gregários, o ser humano necessita e busca o outro para seu autoconhecimento e regulação. No entanto, a maneira como as relações são organizadas na sociedade demonstram onde reside parte dos problemas desencadeantes do fenômeno abordado. Não se trata de pessoas adoecidas apenas, posto que o meio, em si, é adoecedor<sup>16</sup>.

## Conclusão

Estudado e analisado há décadas por sociólogos, psiquiatras, psicólogos e por especialistas de múltiplas áreas, cada um caracterizando-o de acordo com suas crenças, experiências e momento psicossociais vividos à sua época, o suicídio é entendido como um fenômeno social, ora relacionado a fatores internos como transtornos mentais e de comportamento, ora de fatores externos oriundos da sociedade na qual o sujeito está inserido.

Acerca do suicídio, depreendemos do pensamento de Spinoza que aqueles que se matam são vencidos por causas externas que repugnam à sua natureza. A morte voluntária não é um desejo, mas sim o resultado da impossibilidade do indivíduo em perseverar na sua existência e conservar o seu ser.

Segundo o conceito spinozista, a servidão humana ocorre quando a força interna do conatus se enfraquece sob a influência de forças externas, diminuindo a nossa potência e levando-nos a nos submeter a elas enquanto acreditamos que as controlamos, em uma condição de alienação, onde o indivíduo passivo-passional é

dominado por causas externas e está sob a jurisdição de outros. Nesse estado, não reconhecemos o poder externo que nos controla, mas o desejamos e nos identificamos com ele.

Compreende-se, então, que estando a razão dominada pelos afetos, os fatores preditores do comportamento suicida considerados internos ao sujeito, como os sofrimentos psíquicos, são na verdade afecções produzidas por forças externas que alteram a subjetividade, diminuindo a potência de ação do indivíduo ante determinadas situações de tristeza, tornando-os inconscientemente presos à servidão e fazendo com que suas inseguranças, medos e frustrações se tornem algo tão opressivo e sufocante, que acabe por restringir a sua capacidade de agir. Assim, afligido por afetos opostos e confundido pelas ideias inadequadas, com diminuição constante da sua capacidade de existir como sujeito, padece por não conseguir preservar o seu ser, chegando ao ato extremo de ceifar a própria vida.

A análise do crescimento gradual do número de casos de suicídio na última década demonstra correlação direta com o crescimento dos fatores influenciadores externos (social, cultural, racial, econômico, consumo de medicamentos, de álcool e de substâncias ilícitas etc.), potencializados pelo universo virtual, e internos aos sujeitos (sofrimentos psíquicos), comparados por região, com maior expressividade no período da pandemia de COVID-19.

Esta correlação, evidenciada em âmbito universal, demonstra que as determinantes socioambientais repercutem de forma direta sobre o crescimento do número de suicídios. Embora as causas sejam multifatoriais e complexas, este número está fortemente associado a experiências de pobreza, baixo nível socioeconômico e educacional, desemprego e outras desigualdades já relatadas que, por sua vez, produzem externalidades negativas associadas como o aumento expressivo do abuso de álcool e de drogas ilícitas, da violência e, conseqüentemente, do sofrimento mental, em um ciclo sombrio que se retroalimenta.

Torna-se imprudente ignorar que as condicionantes de extrema desigualdade são alicerces dessa estrutura cruel promotora de sofrimento mental. A pressão global incessante pelo consumo tem adoecido as sociedades, que respondem com sistemas cada vez mais rígidos e opressores, pautados no conceito da utilidade do ser humano, tendo o lucro como balizador. Diante desse interesse comercial global absoluto, que parece não admitir limites, quase tudo é permitido desde que justificado pela eficiência financeira. Neste tudo cabe, a persuasão produtiva em escala industrial, a vigilância digital das pessoas para lhes conhecer os gostos e dirigir, então, publicidade específica para cada indivíduo; o agrupamento pela semelhança de pensamento; e mais uma infinidade de tentativas de viciar mentes nas redes sociais para consumirem ideias e produtos de maneira

irrefreada, tudo isso compromete sobremaneira a razão e a saúde mental, principalmente dos mais vulneráveis.

A filosofia de Spinoza destaca a complexidade da condição humana, moldada pela influência das afeições em nossa liberdade. Ele revela que nossas ações são frequentemente governadas por paixões e desejos descontrolados, afastando-nos da verdadeira autonomia. No entanto, propõe um caminho para a emancipação, afirmando que o domínio dos afetos por meio da razão nos permite alcançar uma liberdade interior mais profunda. Essa liberdade, argumenta ele, não está na ausência de restrições externas, mas em uma compreensão de si mesmo e do mundo, abrindo caminho para uma ética baseada no conhecimento racional.

A regulação das próprias emoções proporciona a capacidade de refreamento dos afetos-paixões e parece ser o ponto de partida para o desenvolvimento daquilo que está diretamente ligado à superação do sofrimento mental, uma vez que proporciona o equilíbrio necessário para a produção de ideias adequadas. Em sendo sempre externas as causas que levam à impotência humana, que modificam a maneira como as pessoas se posicionam frente à complexidade da vida, funcionando como catalisadores do comportamento suicida, cristalino, que a prevenção dos fatores preditores externos irá proporcionar condições socioambientais para que as pessoas alcancem este estado interno de regulação pela razão, aumentando a sua potência de agir. Tal prevenção deve, portanto, se constituir como meta prioritária de intervenção para programas de prevenção e tratamento deste grave fenômeno, que rouba dos jovens a perspectiva de futuro e dos idosos a dignidade do presente.

## Conflito de interesse

Os autores declaram não haver conflitos de interesse de nenhuma natureza.

## Referências

1. Corrêa H, Barrero SP. Suicídio: uma morte evitável. São Paulo: Atheneu; 2006.
2. Battisti CA, Correia A, Oliva LCG, Fragoso EA, Leivas CRC. Filosofia do século XVII. Coleção XVII Encontro ANPOF. ANPOF; 2017. p. 12-25.
3. Organização Mundial da Saúde. Relatório mundial sobre suicídio 2022. Genebra: OMS; 2022.
4. Oliveira MI, Bezerra Filho F, Gonçalves-Feitosa G. Tentativas de suicídio atendidas em unidades públicas de saúde de Fortaleza-Ceará, Brasil. Rev Salud Publica. 2014;16(5):683-696.
5. Fernandes FY, Freitas BHBM, Marcon SR, Arruda VL, Lima NVP, Bortolini J, Gaíva MAM. Tendência de suicídio em adolescentes brasileiros entre 1997 e 2016. Epidemiol Serv Saude. 2020;29(4).
6. Meira SS. Análise do Comportamento Suicida em Serviço de Emergência Hospitalar Público [tese]. Jequié (BA): Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia; 2018.
7. Peixoto SC, Souza SS, Andrade LM, Yarid SD, Vilela ABA, Rodrigues VP. Predictors of suicidal behavior worldwide: an integrative literature review. Contribuciones a las Ciencias Sociales. 2023;16(11).
8. Spinoza B. Ética. Tradução Grupo de estudos Espinosanos; coordenação Marilena Chauí. São Paulo: EdUSP; 2015.
9. Caldas FS. Suicídio: um desejo impossível. Revista Conatus - Filosofia de Spinoza. 2024 Dez;15(26):21-8. Disponível em: <https://revistas.ucece.br/index.php/conatus/article/view/13321>
10. Caldas FS, Freitas FL. A multidão enquanto possível apropriação do vínculo entre conatus e o estado de natureza na filosofia de Spinoza. InterEspaço. 2016. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/interespaço/article/view/498>
11. Abbagnano N. Dicionário de filosofia. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes; 2007. p.124.
12. Damásio A. Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos. São Paulo: Companhia das Letras; 2009. p.148.
13. Silverman MM, Berman AL, Sanddal ND, O'Carroll PW, Joiner TE Jr. Rebuilding the tower of Babel: a revised nomenclature for the study of suicide and suicidal behaviors. Part 1: Background, rationale, and methodology. Suicide Life Threat Behav. 2007;37(3):248-63.
14. Zortea TC. Desigualdades, pandemia COVID-19 e possíveis impactos sobre o risco de suicídio no Brasil. SMAD Rev Eletrônica Saúde Mental Álcool Drogas. 2022;16(4):1-2.
15. Silva EPRO, Santos HLPC, Maciel FBM, Manfro EC, Prado NMBLF. Fatores de risco e prevenção do suicídio na Atenção Primária à Saúde em tempos de pandemia por COVID-19: revisão integrativa da literatura. Rev Bras Med Fam Comunidade. 2022;17(44):3164.
16. Peixoto SC, Souza SS, Andrade LM, Yarid SD, Vilela ABA, Rodrigues VP. Predictors of suicidal behavior worldwide: an integrative literature review. Contribuciones a las Ciencias Sociales. 2022;16(11).
17. Fernández-Montalvo J, Villanueva P, Arteaga A. Characteristics and predictors of suicidal ideation severity among callers to a telephone helpline in Spain. Psychosoc Interv. 2021;30(3):174-81.